

O corpo-guerrilheiro no corpo-nação: contaminação e abjeção em Herbert Daniel

The guerrilla-body into the body of the nation:
contamination and abjection in Herbert Daniel

Anselmo Peres Alós

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O que pretendo aqui é discutir e analisar o romance brasileiro *Meu corpo daria um romance*, escrito por Herbert Daniel (cuja extensa produção literária vem sendo solene e sistematicamente ignorada pelos estudos no campo da literatura brasileira) e publicado pela primeira vez em 1984. O foco da discussão é compreender como Daniel promove a articulação retórica entre *corpo*, *desejo* e *revolução* como conceitos fundamentais para uma visão emancipatória da sexualidade (em especial da homossexualidade masculina) no contexto de luta e resistência à ditadura brasileira ao longo do final do século XX. Há uma inegável dimensão cultural, discursiva (e até mesmo linguística) na composição da materialidade do corpo, e Herbert Daniel não está alheio a esse dado. Entretanto, cumpre ressaltar que dizer que a realidade humana só pode ser compreendida pela mediação da linguagem não implica negar, suspender ou não reconhecer a materialidade e a concretude do corpo como realidade vivida, como *carnalidade*. Seguindo aqui os argumentos de Elizabeth Grosz em *Volatile bodies* (1994), podemos pensar que, para Herbert Daniel, a compreensão do corpo se dá como algo concomitantemente *imane*nte e *transcendente*. As representações do corpo através do discurso literário (bem como em outras modalidades artísticas) podem ser vistas como índice dos processos de transformação histórica, na medida em que inscrevem de maneira dialética as relações de subjetividade/objetividade e os processos de opressão, subordinação e subversão cultural. A literatura, particularmente, configurou-se ao longo da história ocidental como campo simbólico assombrado pela presença do corpo, tanto em termos de reiteração (*mimesis*) quanto em termos de subversão (rupturas de viés performativo).

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Nação. Guerrilha. Homossexualidade.

Abstract: What I intend here is to discuss and analyze the Brazilian novel *Meu corpo daria um romance*, written by Herbert Daniel (whose extensive literary production has been solemnly and systematically ignored by studies in the field of Brazilian literature) and first published in 1984. The focus of the discussion is to understand how Daniel promotes the rhetorical articulation between *body*, *desire* and *revolution* as fundamental concepts for an emancipatory view of sexuality (especially male homosexuality) in the context of struggle and resistance to the Brazilian dictatorship throughout the end of the 20th century. There is an undeniable cultural, discursive (and even linguistic) dimension in the composition of the materiality of the body, and Herbert Daniel is not unaware of this fact. However, it must be stressed that to say that human reality can only be understood through the mediation of language does not imply denying, suspending or not recognizing the materiality and concreteness of the body as a lived reality, as *carnality*. Following the arguments of Elizabeth Grosz in *Volatile bodies* (1994), we can think that, for Herbert Daniel, the understanding of the body occurs as something concomitantly *immanent* and *transcendent*. The representations of the body through literary discourse (as well as in other artistic modalities) can be seen as an index of the processes of historical transformation, in so far as they inscribe in a dialectic way the relations of subjectivity/objectivity and the processes of oppression, subordination and cultural subversion. Literature, in this sense, has been defined throughout Western history as a symbolic field haunted by the presence of the body, both in terms of reiteration (mimesis) and in terms of subversion (ruptures of performative bias).

Keywords: Body. Gender. Nation. Guerrilla. Homosexuality.

*Para Rita Schmidt e Fábio Ramos,
companheir@s incansáveis em diferentes campos de batalha.*

*Para Daniela L. Kunze, Thays Keylla de Albuquerque,
Wanderlan Alves e José Veranildo da Costa Jr.,
que fizeram, do nordeste brasileiro, o meu segundo lar.*

Uma vida, quatro exílios¹

Herbert Eustáquio de Carvalho era o nome de batismo, mas como incansável escritor e re-escritor de si mesmo, ele encontrou outro nome para si, pelo qual ficou conhecido no ativismo político (primeiro lu-

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada como comunicação oral no VII Colóquio Sul de Literatura Comparada, em Porto Alegre, em 25 de outubro de 2019.

tando contra a Ditadura de 1964, depois lutando em prol dos direitos dos infectados pelo vírus HIV): Herbert Daniel. Na contracapa de seu primeiro livro, *Passagem para o próximo sonho*, Herbert Daniel apresenta-se de maneira emblemática e permite, ainda que de relance, que se tenha uma panorâmica do que foi não apenas a vida, mas também a autoimagem que o escritor reiteradamente projetará em seus escritos, sejam eles ficcionais ou não:

Herbert, nome de pia e registro; Daniel, nome de guerra que pegou. Estudante de Medicina na UFMG; 1,64m; crítico de cinema no rádio, Belô; dispensado do exército (regular) por insuficiência física (miopia? pé-chato?); autor de teatro estudantil; cabelos muito enrolados, olhos castanhos e semicerrados, chato nariz; vice-presidente do DCE da UFMG; gordinho; militante sucessivamente da Polop, Colina, Var-Palmares e VPR; clandestino durante seis anos, sem nunca ter sido preso; homossexual, já não mais clandestino; assaltante de banco, puxador de carro, planejador de sabotagem, guerrilheiro em Ribeira, sequestrador de embaixador (em número de dois), remanescente; leitor, sempre, sempre; escritor de panfletos, aprendiz de ginasta; tímido não dançarino; jornalista em Portugal, em revista feminina; em Lisboa, estudante de Medicina reincidente; casado com homem, claro, homossexual; calça 39, usa 40; massagista, garçom, caixa, leão-de-chácara, gerente, porteiro de saunas de pegação de viados, em Paris, *capitale de France, voilà*; discursivo, falador trilingue inveterado, pensante tanto quanto, com sotaque – não se nasce em Minas impunemente. Descoberta de saber fazer quase nada de quase tudo: ocupação de vagabundo. Penúltimo exilado em Paris: escapou da “anistia”. Sem indulto (escapou por insulto), foi prescrito: reparou em vida alheia. Escritor (DANIEL, 1982, contracapa).

*O corpo-
guerrilheiro
no corpo-
nação*

209

Herbert Daniel começa sua carreira como escritor publicado apenas após o seu retorno do exílio, ocorrido em 1981. Em 1982, publica *Passagem para o próximo sonho*, obra pouco lida pela crítica, e por vezes mal compreendida. Em 1983, mesmo antes de Herbert Daniel descobrir-se soropositivo, a questão da problemática pandemia que

se iniciava (disseminando o terror do “câncer gay” pelo mundo) já emerge como preocupação do escritor, na ocasião em que publica *Jacarés & lobisomens*, em parceria com Leila Mícolis. Em dado momento, em *Passagem para o próximo sonho*, Daniel relata um episódio ocorrido no final do exílio que demonstra como o tema da homossexualidade ainda causava incômodo em boa parte da esquerda no final da década de 1970. Mais importante que os fatos evocados, entretanto, é a síntese a que chega Herbert Daniel acerca das relações entre *silêncio, política, desejo e homossexualidade*: “o silêncio é a impossibilidade de um discurso. O silêncio é a forma do discurso numa certa parcela da esquerda sobre a homossexualidade. É uma forma de exilar os homossexuais” (DANIEL, 1982, p. 217). Se hoje, para nós, devidamente instrumentalizados por quase quatro décadas de leituras foucaultianas, não há nenhum grande *insight* novidadeiro nessa afirmação, em 1982 ela se revelava, entretanto, uma maneira totalmente nova de costurar questões como política, censura, revolução e livre expressão sexual no contexto da narrativa literária brasileira. Veja-se, por exemplo, o que afirma James Green:

O Partido Comunista Brasileiro foi a organização de esquerda hegemônica até o começo dos anos [19]60 e exercia uma tremenda influência entre os artistas e intelectuais do país. Ele defendia a posição tradicional stalinista, de que a homossexualidade era um produto da decadência burguesa. O PCB sofreu uma fratura em razão do conflito sino-soviético iniciado em 1962 e das disputas internas quanto a apoiar ou não a luta armada contra a ditadura, mas a aversão ideológica à homossexualidade continuou a existir em todas as organizações que emergiram do Partidão. [...] Herbert Daniel, que aderiu a um grupo guerrilheiro nessa mesma década, descobriu que a homofobia dentro da organização era intolerável. Fernando Gabeira, embora ele próprio não fosse identificado como gay, criticava a posição antifeminista e antigay das diversas organizações de esquerda com as quais tivera contato quando viveu em uma comunidade de exilados na Europa, após o famoso sequestro do embaixador Elbrick, em 1969 (GREEN, 2000, p. 428).

Talvez justamente pelas aporias inscritas na localização social de seu próprio corpo (afrodescendente², guerrilheiro e homossexual), uma das condições de possibilidade existencial fundamentais para Herbert Daniel foi a sua imaginação quase utópica, colocada em funcionamento no sentido de projetar possibilidades mais atiladas, argutas e humanas para pensar as relações sociais do seu tempo, fossem elas sociais, políticas, trabalhistas ou médicas. Herbert Daniel não se prostrou frente à descoberta de sua soropositividade, em tempos que o diagnóstico positivo era anátema de morte iminente.

Ricardo Orsi, na *webpage*³ que organizou em um esforço para preservar a memória de Herbert Daniel, caracteriza como pontos de entrada na biografia de Herbert Daniel o que chamou de “os quatro exílios”: o exílio político, o exílio pátrio, o exílio homossexual e o exílio da solidariedade. Os três primeiros exílios já haviam sido enumerados pelo próprio Daniel, na capa de seu primeiro romance, *Passagem para o próximo sonho*, de 1982: “um possível romance autocrítico sobre os exílios: do desterro na militância clandestina, do asilo europeu, do degredo na homossexualidade” (DANIEL, 1982, 1ª capa). O quarto deles, o exílio da solidariedade, é um acréscimo de Orsi, e diz respeito ao exílio social sofrido pelo escritor em função do isolamento e do preconceito sofridos em função da discriminação pela soropositividade. Herbert Daniel, depois de se descobrir soropositivo, em 1989, ao invés de se entregar à condição de vítima, assumiu uma postura de sujeito a reelaborar os significados sociais do que significa ser HIV positivo. Passou a reivindicar a solidariedade como valor máximo para administrar o pior dos efeitos residuais da soropositividade: o preconceito. Passou a promover a participação política e social como antídotos para o desterro, o es-

2 Em uma espécie de formulário de apresentação, o autor escreve o seguinte, nas primeiras páginas de *Passagem para o próximo sonho*: “Filiação – pai preto, porém militar. Soldado por imposição, humorista por vocação, adulto por contingência, pai por consequência, tímido por gentileza, abrupto por timidez, silente por atavismo. Mãe branca, porém italiana. Operária por descuido, dona de casa por obrigação, rebelde por destinação, domada por destino, arrependida por convicção, sentimental por hipocondria, emocional por atavismo” (DANIEL, 1982, p. 24). Já em *Meu corpo* daria um romance, Daniel mergulha mais fundo nas suas raízes afrodescendentes, refletindo sobre o racismo no próprio contexto familiar, narrando sua própria experiência familiar em terceira pessoa e mimetizando o comportamento esquizóide que caracteriza o evento narrado: “tudo é de tal forma exemplar que ele só percebe que seu pai é negro – moreninho, dizem os familiares, em geral os negros, que são os mais racistas de todos, menosprezando a cor da noite ancestral – quando já é quase adulto. Os negros e os mestiços fundem-se com os recém-imigrados e adotam a moralidade da respeitabilidade de uma cor difusa” (DANIEL, 1984b, p. 99).

3 Disponível em: <<http://reocities.com/Athens/acropolis/7051/exilios.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

tigma e o isolamento, e foi uma figura muito importante na luta pela disseminação de informação com vistas à promoção da prevenção e da participação do Estado em políticas públicas. Usou com coragem seu próprio semblante nos meios de comunicação, lutando até os últimos dias de sua vida para derrubar o mito de que ser portador do vírus HIV equivalia a uma espécie de morte civil.

Em 1968, foi promulgado o mais arbitrário dos Atos Institucionais, o AI-5. Somado aos outros quatro Atos Institucionais, instaura-se um clima de cassação de políticos, da legalidade das organizações partidárias, e o fechamento do Congresso Nacional. Alguns anos antes, em 1964, criava-se no Brasil o Sistema Nacional de Informações (SNI), com frentes militares e paramilitares, na intenção de realizar a manutenção da “segurança nacional” através da perseguição dos grupos opositores (estivessem eles armados ou não). Como recurso de desmantelamento rápido e eficiente dos grupos de resistência, instaura-se a rotina de torturas e assassinatos⁴. Rádio, televisão e mídia impressa passam todos a sofrer com a censura direta do governo militar e, como consequência, a grande maioria da população brasileira desconhece absolutamente as violências perpetradas nos porões da ditadura.

Após sua participação no sequestro de Ehrenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben, em 1971, Herbert Daniel conhece Cláudio Mesquita, artista plástico que ficou responsável pela “fachada” da casa que abrigou Herbert Daniel por nove meses. Pela ajuda prestada no ocultamento de Herbert Daniel, Cláudio passa a ser ele próprio perseguido pelo Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI – CODI). Inicia-se uma rotina de fugas, bem como a parceria entre Cláudio e Daniel, que se estenderá por vinte anos, findando apenas com a morte de Daniel, em decorrência de complicações relacionadas à infecção pelo vírus HIV.

Herbert Daniel continua na resistência até o ano de 1972, quando a grande maioria dos militantes da resistência já havia sido morta, presa ou exilada. Entre 1973 e 1974, Cláudio e Herbert vivem uma espécie de ‘degredo em terra natal’, vivendo com identidades falsas e mantendo-se com trabalhos esporádicos. Com a rotina de cidadania de terceira categoria chegando às raias do insuportável, os dois saem do Brasil

⁴ Ver, por exemplo, o livro de James Green e Renan QUINALHA (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Editora da UFSCar, 2014.

pela fronteira com a Argentina, em setembro de 1974, rumo à Europa. Inicia-se o exílio pátrio. Depois da fuga pela fronteira Brasil-Argentina, Herbert Daniel desembarca na França com Cláudio Mesquita em oito de setembro de 1974. O exílio concretiza-se como condição existencial para os dois: tomam consciência dos riscos para si próprios e para os companheiros de militância de um retorno ao Brasil, e decidem permanecer no exílio. Ficam pouco na França, indo pouco depois para Portugal. Em Portugal, Herbert Daniel vai para a cama com Cláudio, pela primeira vez. Muitas vezes. E depois, com outros homens. Muitos outros homens. Mas nunca rompeu com Cláudio; seu companheirismo atendia a outra lógica, estranha e meio perturbada para o olhar heterossexual, ainda hoje, mas muito comum em relacionamentos de longa duração entre homens. Depois de catorze meses em Portugal, Daniel retorna a Paris, em 1976, agora oficialmente um refugiado político, com um título de viagem que lhe permitia um *salvo conducto* para entrar em qualquer país do mundo, exceto no Brasil.

Em 1987, Daniel publica seu romance *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*, obra que já abordava precocemente, no cenário literário brasileiro, a questão da pandemia de AIDS, ao desenvolver a questão das reações sociais diante da ameaça do HIV, contemplando não apenas a criação de personagens que se defrontavam com o desafio de viver com AIDS, em um contexto de terror, de desinformação e de medo associados às primeiras investigações em torno da síndrome. Essa questão, na verdade, acabou sendo fundamental até mesmo em um projeto anterior e bem mais amplo, que desde o seu primeiro livro figura nas preocupações do autor: a de uma política do corpo, ou ainda, em um profundo *repensar* do corpo político, do corpo guerrilheiro, do corpo que se vê cindido entre a participação política e uma política dos prazeres e dos afetos, como pode ser observado nesse pequeno trecho de *Passagem para o próximo sonho*, em que Daniel se questiona acerca das micropolíticas que beiram a mesquinharia nos códigos sociais do gueto homossexual:

O dragão que ronda o gueto – como tantos submundos – tem três cabeças: a pobreza, a velhice e a feiura. [...] Velho, porém rico, por exemplo. Ou: pobre, mas belo. E assim por diante. Daí nascem todas as pequeninas invenções que servem de moeda corrente nos teatrinhos do sexo e da sedução. Não é preciso ir muito longe para descobrir de onde decorre a ideologia profun-

damente conservadora que caracteriza o gueto. Porque o gueto homossexual, na sua ostensiva marginalidade, é moralista e tradicionalista. Mesmo reacionário, nos momentos de crise social (DANIEL, 1982, p. 162-163).

Anselmo
Peres Alós

214

Em 1989, Herbert Daniel é diagnosticado como soropositivo. Foi uma voz importante no combate ao preconceito que associou, durante muito tempo, a AIDS à homossexualidade, aos discursos que qualificavam a doença como “peste gay”, “câncer gay”, e outras tantas fórmulas discursivas oportunistas que associavam a infecção pelo HIV a um conjecturado castigo pela vida pecaminosa. Tal como afirma Leila Míccolis, “assumindo publicamente a doença, Herbert prova (muito dolorosamente para todos nós) que ela não é, como o amor, um ‘assunto pessoal’. É coletivo e envolve a mais luminosa das ‘estratégias’: a solidariedade, tão ampla que extravasa rótulos, opções sexuais, crenças e até limites territoriais” (MÍCCOLIS, 1999, p. 1). Da mesma forma, os dois últimos livros que publicou, *Vida antes da morte e AIDS, a terceira epidemia* (esse último em coautoria com Richard Parker) são trabalhos que se dedicam a enfrentar a condenação a uma cidadania de segunda categoria (quando não de uma morte civil) para os soropositivos. Herbert Daniel falece no Rio de Janeiro, em 29 de março de 1992.

Meu corpo daria um romance: narrativa desarmada?

A crítica literária, no campo dos estudos gays e lésbicos, muito deve aos postulados foucaultianos. Entre as obras que merecem destaque, nesse contexto, encontram-se o livro de Robert Drake, intitulado *The gay canon: great books every gay man should read* (1998). Partindo de um diálogo com *O cânone ocidental* de Harold Bloom, Drake propõe o estabelecimento de uma genealogia literária que rastreie a tradição de uma literatura gay na tradição ocidental. Sua proposta não é de realizar um revisionismo do cânone ocidental, mas sim o de mapear ao longo da história da literatura ocidental *uma tradição paralela*. De acordo com o autor:

The gay canon does not seek to achieve what Bloom abhors. Frankly, I stand in firm agreement with him that the Western canon should not be tempered withfor reasons of minority bias. *The gay canon* seeks to exist outside the Western canon, touching upon it only where writers and works are in agreement. Yet *The*

gay canon strives toward a goal similar to Bloom's: to isolate qualities that made these gay authors canonical – that is, authoritative – in gay culture (DRAKE, 1998, p. XV-XVI).

Gregory Woods, também em 1998, publica um livro que terminou por se tornar uma das grandes referências no mundo anglófono acerca da discussão em torno de uma tradição literária gay. Em *A history of gay literature: the male tradition*, Woods chama a atenção para o fato de que um *continuum* de obras produzidas ao longo da história e tomadas como um cânone de referência não é possível simplesmente a partir do trabalho de autores gays. Embora ele não inclua, em suas referências bibliográficas, o hoje clássico *Les règles de l'art* de Pierre Bourdieu, sua visão acerca da constituição de uma tradição literária gay ao longo da história possui muitos pontos de contato com a ideia de Bourdieu de *campo literário*⁵. Woods mostra-se consciente de que não apenas os escritores e/ou os leitores produzem essa tradição, mas que a crítica e o mercado editorial possuem um papel decisivo na definição das obras que permanecem ao longo do tempo e das que acabem caindo no esquecimento da comunidade de leitores; ele também está atento ao fato de que os próprios movimentos de resgate e de releituras de obras esquecidas no passado interferem no processo de constituição de uma tradição literária:

The fact is that gay literature is not simply a matter of the emotional records of individual writes. Gay writers do not, on their own, 'make' gay literature. There are processes of selection, production and evaluation to be taken into account. Our canons of literature of quality are no more eternal than any other. Indeed, gay literary critics have been fairly explicit about the intentional social purposes behind their re-evaluations of past texts and canons. The contingencies behind the heralding of gay classics need to be acknowledged and made manifest. The canon of gay literature has been constructed by bookish homo-

5 Na verdade, Woods não inclui absolutamente nenhuma referência ao trabalho de Pierre Bourdieu ao longo de seu livro. Todavia, ele faz uma importante retomada do pensamento de Eric Hobsbawm, estruturando sua visão de construção de um cânone literário gay na esteira da noção de invenção das tradições. Segundo Hobsbawm, "what we are talking about here is homosexual men's deliberate creation of a homosexual tradition. Eric Hobsbawm's lucid introduction to his and Terence Ranger's book *The invention of tradition* is helpful here. Hobsbawm writes that traditions which appear or claim to be old are often quite recent in origin and sometimes invented" (WOODS, 1998, p. 4).

sexuals, most explicitly since the debates on sexuality and identity which flourished in the last third of the nineteenth century (WOODS, 1998, p. 3).

Anselmo
Peres Alós

216

Robert W. Connell desenvolve, no campo da sociologia, a noção de *masculinidade hegemônica*, em oposição à de *masculinidades subalternizadas*. Connell define masculinidade como sendo “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995b, p. 188), chamando a atenção para o fato de que, via de regra, simultaneamente coexistem “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade” (CONNELL, 1995b, p. 188). Em função dessa heterogeneidade de configurações que simultaneamente operam em uma sociedade, seria mais adequado falar em *masculinidades*, no plural, e não em uma concepção única e universal de *masculinidade*, no singular (CONNELL, 1995b, p. 188). Nesse conjunto de masculinidades plurais, haveria uma que se apresentaria como sua forma “hegemônica”, aquela que corresponderia a um ideal cultural de masculinidade; paralelamente, ao lado desta forma socialmente privilegiada de masculinidade, existiriam outras que manteriam relações de subordinação, de cumplicidade ou de marginalização em relação à hegemônica (CONNELL, 1997, p. 39-43). Há uma masculinidade que é hegemônica, valorizada e instigada. Trata-se de uma masculinidade que via de regra é branca, heterossexual, burguesa e judaico-cristã. É a representação dominante da masculinidade, tomada muitas vezes como *a própria definição de masculinidade*. Em oposição a essa, há masculinidades *outras*, e que com essa primeira mantém uma relação de subalternidade: tratam-se das masculinidades racializadas, das masculinidades não-cristãs, das masculinidades não-heterossexuais, bem como das masculinidades orientalizadas, entre outras (CONNELL, 1987; CONNELL, 2000).

Algumas das categorias que usualmente são mobilizadas tanto pela crítica cultural e literária quanto pelo movimento social e que possuem algumas fragilidades são as de *homoafetividade* e *homoerotismo*. Essas categorias são frequentemente mobilizadas para tratar tanto da literatura *escrita* por homossexuais quanto da *representação* da homossexualidade na literatura (independentemente da orientação sexual dos autores em questão). Aqui se encontra o que me parece o ponto fulcral da questão, e que não raro é escamoteado pelos críticos: a) a que(m) se aplica(m) o(s) adjetivo(s) *homoerótico* e/ou *homoafetivo*? Ao autor? Aos

elementos formais? À temática? Ao leitor? À uma comunidade interpretativa? b) Qual o (des)compromisso da crítica literária e cultural com os regimes sociais heteronormativos e homonormativos? Parece-me que enquanto tais pontos problemáticos não forem discutidos e teorizados pela crítica literária brasileira, o potencial crítico desse *locus* enunciativo sempre será minimizado no campo disciplinar mais amplo dos estudos literários.

Rômulo Medeiros Pereira é um dos poucos pesquisadores no Brasil que se deteve a pesquisar o trabalho de Herbert Daniel. Curiosamente, um traço comum de praticamente todos os poucos pesquisadores brasileiros que demonstraram algum interesse pela obra literária de Herbert Daniel é o fato de terem uma formação disciplinar no campo da História (e não no campo das Letras), bem como o fato de tomarem invariavelmente como objeto de investigação a faceta interseccional da biografia de Herbert Daniel que subsume tanto sua trajetória como guerrilheiro urbano opositor da Ditadura Brasileira de 1964 quanto sua trajetória de militante pelos direitos dos homossexuais no Brasil (campo no qual foi, sem sombra de dúvidas, um nome de vanguarda, com ideias demasiadamente avançadas para os debates brasileiros da década de 1980, quando retorna com o seu companheiro do exílio na Europa): “que merda! O mundo está cheio de sacanagens. Mas até que, no fundo, eu acho uma pena que seja pecado” (DANIEL, 1984, p. 80). Para Rômulo Pereira, os primeiros romances de Herbert Daniel, *Passagem para o próximo sonho* (1982) e *Meu corpo daria um romance* (1984) configuram-se como “autobiografias constituídas por memórias, que participam da articulação das narrativas, relatando desde as árduas experiências vivenciadas por um indivíduo durante a ditadura civil-militar, instaurada a partir do golpe de 1964 no Brasil, até as experiências em exílio como garçom de vestuário de sauna gay em Paris” (PEREIRA, 2012, p. 2)⁶.

Meu corpo daria um romance é construído de forma não linear, tomando como ponto de partida uma cena de onze minutos, quando Daniel (o narrador) apanha um ônibus na madrugada, em Copacabana, no Rio de Janeiro, após dar um beijo de despedida em seu namorado.

*O corpo-
guerrilheiro
no corpo-
nação*

217

6 José Veranildo Lopes da Costa Jr., Professor Assistente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, encontra-se nesse momento (fins de 2019) finalizando sua tese de doutorado, intitulada Homossexualidade e autoritarismo: uma leitura de Herbert Daniel, Osvaldo Bazán e Pedro Lemebel. José Veranildo é também autor de um artigo, em parceria com Roniê Rodrigues da Silva, de uma instigante leitura deleuziana de *Meu corpo daria um romance* (Cf. COSTA JR. e SILVA, 2018).

O romance organiza-se como uma resposta aos olhares homofóbicos, marcados pelo desprezo silencioso, recebidos pelo narrador ao entrar no ônibus. Diante da necessidade urgente de uma resposta à violência simbólica dessa experiência (cabe questionar se essa experiência é meramente simbólica ou se toda experiência simbólica é uma violência de fato, uma vez que se inscreve em ato sobre um corpo)⁷, o narrador arquiteta sua narrativa, dividida em onze partes, associadas simbolicamente à fragmentação que o corpo do narrador sofre diante do olhar do outro: *orelhas* (o *órgão zero*, as próprias orelhas das capas do livro); *buracos da cabeça*; *genitália*; *glândulas*; *pele e anexos*; *extremidades do aparelho digestivo* (boca e ânus – por metonímia, o começo e o fim, deglutição antropofágica e expulsão do resíduo abjeto); *aparelho circulatório e sangue*; *órgãos da fonação*; *órgãos sentidos* (a supressão da preposição *de* no sintagma elide a subordinação dos dois termos, subentendendo uma conjunção aditiva e subvertendo a lógica causal que coloca o órgão como fonte do sentido, para confundir ordem e sentido); *aparelho locomotivo e solidariedade*.

Ao longo desses onze capítulos (talvez o mais correto fosse falar em *subdivisões*, uma vez que essas onze partes estão bem distantes do tipo de organização retórica interna de uma narrativa a que costumeiramente se nomeia como *capítulo*), o livro estrutura-se em três eixos: *Matéria*, *Dissertação* e *Falhas*. Sob a rubrica da *Matéria*, o autor trabalha, através do exercício de escrita, sobre a *memória vivida*; na *Dissertação*, é apresentado o material propriamente ficcional: contos, crônicas, *im-prompti* narrativos e outros exercícios mais deliberadamente *literários*, nos quais encaixa a ficção – por ele associada à ideia de *dejetos do imaginário*; finalmente, as *Falhas* – os fragmentos, cicatrizes na superfície textual do romance – surgem listadas no undécimo capítulo, ou como espaços de ausência sinalizados com asteriscos ao longo de toda a narrativa. É curioso notar que justamente a rubrica com uma vocação explicitamente ficcional e literária é descrita como um conjunto de dejetos do

7 Seria toda a representação da violência uma continuidade da violência (uma vez que se ampara na retórica da violência), ou a representação da violência pode assumir uma função discursiva de crítica à violência? Depara-se aqui com um indecível, uma vez que a violência é um dos alicerces da própria política da representação (quando eu represento o outro, eu imobilizo, eu o paraliso, eu o sedimento – e em última análise isso significa violentar o outro em nome de pressupostos como o de coerência e integridade): o olhar que descreve, analisa e interpreta o outro é um olhar marcado por uma violência fundante de natureza imperialista e colonial: ver, por exemplo, *Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges and border thinking*, de Walter D. Mignolo (2012). Ainda desse mesmo autor, uma importante discussão do projeto colonizante da produção de conhecimento no Ocidente é apresentada em *The idea of Latin America* (2005).

imaginário, expressão que remete imediatamente às discussões de Julia Kristeva e Judith Butler acerca da abjeção como mecanismo regulador da heteronormatividade⁸.

A memória evocada, trabalhada e elaborada ao longo de *Matéria* não reivindica uma suposta objetividade autobiográfica. Ela é menos uma memória que evoca um registro concreto do passado, e mais a memória erotizada do corpo do sujeito que fala em seus contatos com o outro. Parafraçando uma terminologia estruturalista, são menos os *biografemas* (as unidades mínimas significativas do discurso biográfico) e mais os *bioflagrantes* (epifanias que emergem ao longo da evocação da memória que se torna escritura ao longo do ato performativo de narrar). Pouco antes da entrada em “Matéria”, cada uma das subdivisões (exceto no “órgão zero”, em que a sentença aparece fragmentada e distribuída ao longo do texto na orelha dolivro) inicia com a mesma frase: “CORPO A CORPO, esbarrei com a vida, ali e já, em onze divisões de coisa ou caso” (DANIEL, 1984b, p. 13; p. 49; p. 83; p. 113; p. 143; p. 179; p. 227; p. 269; p. 303, e p. 343). A ficção, por sua vez, é mobilizada em *Dissertação*, e trabalhada pelo autor como o mecanismo constitutivo de toda e qualquer subjetividade, seja ela individual ou coletiva, e não como mero ofício de escritor. As histórias paralelas e “ficcionalis” (inseridas ao longo do romance) dialogam com a discussão de *Matéria* de modo explícito, configurando um uso consciente e quase abusivo do recurso da narrativa metaléptica, sem necessariamente configurar construções que caracterizem o *mise-en-abîme*.

Finalmente, as *Falhas*, definidas pelo próprio autor como “zonas de vácuo, vazios ou ausências” (DANIEL, 1984, p. 10) assinalam rupturas narrativas, ausências, cicatrizes sobre a pele-invólucro do corpo-romance, ou ainda, zonas de silêncio profundamente significativas, quase musicais. Felipe Areda, em seu artigo acerca de *Meu corpo daria um romance*, também dedica especial atenção às *Falhas*, e salienta que:

[As *Falhas*] são menos da ordem do silêncio e mais [da ordem do] inaudível e do inefável. Não são pausas, são quebras. Não são cisões, são cicatrizes. Daniel apresenta e enfrenta em linguagem sua própria incapacidade de descrição em um contexto no

8 Cf. Julia Kristeva e seu *Powers of horror: an essay on abjection* (Transl. S. L. Roudiez. New York: Columbia UP, 1985), bem como Judith Butler e seu *Gender trouble* (10th Anniversary Edition. London: Routledge, 1999).

qual a violência cala, obriga a gritar e dá os termos do próprio grito. Por conseguinte, o autor se esforça em introduzir uma sequência de ausências no dito, incidindo na estrutura narrativa e abrindo a capacidade de narrar e de apresentar a irrupção do inenarrável (ARETA, 2014, p. 144).

Dentro dessa estrutura fractal de construção de *Meu corpo daria um romance*, particularmente significativa é a discussão que Daniel propõe em torno do *corpo*, ponto de sutura para a conciliação de dois vetores de sua identidade tomados como inconciliáveis de sua personalidade: as facetas homossexual e guerrilheira de sua atuação política.

A equação metafórica “o corpo escrito/a escrita do corpo” parece dominar as associações feitas por filósofos e teóricos que analisam a relação entre o corpo e a literatura. A ontologia cartesiana – penso aqui em especial no *Discurso do método*, de Descartes (1637) – talvez tenha sido o momento filosófico fundador que separou, de forma decisiva, as esferas da cultura e da natureza, da mente e do corpo, da razão e da emoção. Trata-se da concepção de um mundo morto, no qual se operou uma separação irreversível em que não há espaço para subjetividade, intencionalidade e desejo nos territórios epistêmicos da produção de conhecimento. Daniel questiona, subverte e torciona esse postulado básico da dicotomia mente/corpo, que de tão enraizado na filosofia ocidental passa facilmente por senso comum, quando não como dado concreto da realidade, e não como uma construção intelectual que opera como ferramenta política de compreensão do mundo, da humanidade e das relações entre sujeitos singulares:

Difícil, aprender a conjugar o corpo, verbo praticamente intransitivo, de tremendas irregularidades, que em certas circunstâncias, com certo desagrado, se torna verbo de ligação entre um prazer macho e uma submissão fêmea.

Na Phamília, corpo é propriedade, e não apenas posse. Títulos jurídicos do eu, o corpo – em se tratando do feminino – pode ser cedido e transferido. De homem a homem, o corpo delas desliza de nome de pai a pau. Fundamento da Phamília, um corpo se aliena como propriedade em transação: casamento.

O casamento supõe sempre o adultério. É uma forma conveniente de organizar corpos domesticados. Se o casamento já é tão

difícil, o que dizer dos homossexuais que procuram reproduzir o modelo?

Intuí, na vida em comum com Cláudio, uma redistribuição dos significados da traição e da fidelidade (DANIEL, 1984b, p. 228).

Como consequência da negação da dicotomia corpo/mente, a própria dicotomia entre razão e emoção é posta em xeque, e uma epistemologia dos afetos, ainda que incipiente, é invocada por Daniel: “pensar não é só – um nunca é – racionalizar. É sim uma forma de sentir, tanto quanto a sensibilidade é uma apreensão pensada. Não consigo distinguir excludentemente consciência e emoção, teoria e coração. São qualidades distintas do ato de pensar” (DANIEL, 1984b, p. 147).

Em várias passagens de *Meu corpo daria um romance*, Herbert Daniel insinua que não há um eu prévio e anterior à sua narrativa, mas sim um eu posterior, que é justamente o efeito produzido pela retórica de sua narrativa: “acreditar que o corpo é coisa, casca habitada por um “eu” psicológico é a nossa mais preciosa mitologia civilizatória. Só os bárbaros e pervertidos não acreditam nessa fábula gloriosa” (DANIEL, 1984b, p. 38); “meu corpo, eu o usei como grito, e suas palavras eram incontrolláveis para o rapaz feio, na noite, gozando e escondendo” (DANIEL, 1984b, p. 127); “fora do corpo só existe a mística da sua recusa, já que a consciência é a capacidade corporal de imitar a ausência do corpo. Vem, assim, o corpo, a ser este espaço capaz de supor-se dividido ou inexistente. Mas o corpo paga o que o corpo se recusa. Afinal, sou este corpo e sua ideia de si” (DANIEL, 1984b, p. 345 – itálicos meus).

O corpo vai muito além dos elementos biológicos, pois ele também funciona como o catalisador essencial de fatos e ações no plano social, na vida psicológica, na esfera estética e na cultural, bem como no âmbito de um *locus* existencial religioso, entre outros: “o pior de tudo é que o nosso corpo é o primeiro lugar das primeiras catástrofes” (DANIEL, 1984b, p. 80). Ao longo de *Meu corpo daria um romance*, o significativo *catástrofe* aparece reiteradamente com seu sentido deslocado. A *catástrofe* está sempre ligada à ideia das nefastas consequências do cerceamento da liberdade. O Golpe de 1964 é reiteradamente descrito como catástrofe. O AI-5 é descrito como o ápice da catástrofe. Logo, no contexto da discussão acerca da corporalidade, “primeiras catástrofes” soa como um sintagma que aponta para os primeiros cerceamentos às liberdades individuais, ainda na primeira infância: não tocar o próprio

corpo em partes inapropriadas, não tocar o corpo do outro, domesticar as necessidades básicas do corpo a uma disciplina rígida (comer, defecar, urinar e dormir nos horários e lugares apropriados). A ideia do corpo como lugar das primeiras catástrofes também aponta para as possibilidades de alienação, de despolitização e de rompimento com uma postura revolucionária e ética frente ao contexto sombrio dos tempos do AI-5. Falando na terceira pessoa, mas sobre si mesmo, o narrador afirma: “o que o preocupava não era a possibilidade de um dia vir a ser prisioneiro; o que o horrorizava era a hipótese de algum dia vir a ser carcereiro” (DANIEL, 1984b, p. 247). Para Daniel, por sua vez, pensar as dinâmicas inconscientes do desejo implica em politizar o corpo:

Posso contar todo um romance de conflitos entre minhas vontades e meu desejo, ou seja, um romance com uma tessitura política – que exclui, portanto, uma trama regular e linear. Posso contar um romance que apresenta capacidades em confronto com poderes, exercícios físicos, através das variações do meu corpo (DANIEL, 1984b, p. 277).

Logo, o corpo é um lugar político, investido de discursos culturais, falas institucionais e hierarquias de poder. Herbert Daniel não está alheio ao impacto do pensamento de Freud, e dá claras mostras disso através da voz narrativa que articula *Meu corpo daria um romance*. Já na orelha do livro, no aviso preliminar que prepara o leitor para a arquitetura narrativa do romance, marcada pela não linearidade e por um grande apreço ao fragmento, fica anunciada também uma postura fundacional que vê o corpo simultaneamente como objeto da política e como a própria condição de possibilidade do fazer político, “tese” (por assim dizer) que será explorada ao longo de toda a obra:

A armação do corpo do livro:

• reunir sombras e elipses onde se delineiam noções de corpo – portanto de política (“AVISO PRELIMINAR” – DANIEL, 1984b, p. 9).

O subtítulo do romance – “narrativa desarmada” – também evoca uma metáfora diretamente ligada à corporalidade. As armaduras (literais ou metafóricas) protegem, resguardam e encobrem a mate-

rialidade do corpo, visando a sua proteção, o seu ocultamento. *Desarmar* aqui aponta para *desvelar* (apresentar o que estava oculto antes da enunciação das palavras que formam o corpo do romance), mas também *descobrir* (isto é, praticamente *inventar* e *construir*) o corpo que é evocado no título do romance, bem como seus múltiplos e potenciais significados: “meu corpo desarmou-se durante onze minutos e por isso respondo com um romance desarmado” (DANIEL, 1984, p. 59).

Se a cultura se faz presente como elemento constitutivo do corpo, isso implica assumir que, ao longo da história, o corpo foi significado, simbolizado, metaforizado a partir de lógicas de linguagem. Qual o lugar dos discursos de produção de verdade na constituição da noção ocidental de corpo? Os discursos “científicos” podem ser lidos como gestos de natureza colonizante do corpo pelas práticas discursivas da filosofia e das ciências naturais e sociais. Até muito recentemente, as discussões em torno do corpo (em especial as de caráter biológico e filosófico) foram sempre enunciadas a partir de uma formação discursiva e epistêmica marcadamente comprometida com valores sociais, morais e religiosos que asseguraram pelo menos duas dicotomias fundamentais: a naturalização da oposição masculino/feminino, e a oposição racial do gênero humano em um polo branco/eurocêntrico, em oposição a um outro polo, no qual se alocam os povos racializados/não europeus:

O corpo não obedece à nossa voz de comando. Se é um corpo de leis, não somos nós mesmos os legisladores. A medicalização do corpo e a cosmetologia indicam nos seus receituários, fórmulas, bulas, conselhos, ordens e instituições o seu poder de gerência sobre o espaço cultural (DANIEL, 1984b, p. 273).

As condutas, códigos morais e comportamentos individuais, bem como as correntes científicas que se sucedem ao longo do tempo histórico representados nos textos literários, são refratadas no *corpo* (entendido com um espaço em que tais mudanças são percebidas por meio de simbolismos e de conceitos filosóficos): “a culpa era um pedaço construído do corpo” (DANIEL, 1984b, p. 234). A partir da representação do corpo na literatura, Herbert Daniel abordar questões tão diversas como a liberdade, a ética, a estética, a sexualidade, a medicina, e o direito: “o corpo, enquanto carnalidade pecaminosa, ou prova de um crime, deveria ser punido, ou será em si mesmo uma punição tremenda: o desamor” (DANIEL, 1984b, p. 61).

Considerações finais

Há uma inegável dimensão cultural, discursiva, mesmo linguística na composição da materialidade do corpo, e Herbert Daniel não está alheio a esse dado. Entretanto, cumpre ressaltar que dizer que a realidade humana só pode ser compreendida pela mediação da linguagem não implica negar, suspender ou não reconhecer a materialidade e a concretude do corpo como realidade vivida, *como carnalidade*. Seguindo aqui os argumentos de Elizabeth Grosz em *Volatile bodies* (1994), podemos pensar que, para Herbert Daniel, a compreensão do corpo se dá como algo concomitantemente *imanente e transcendente*.

As representações do corpo através do discurso literário (bem como em outras modalidades artísticas) podem ser vistas como índice dos processos de transformação histórica, na medida em que inscrevem de maneira dialética as relações de subjetividade/objetividade e os processos de opressão, subordinação e subversão cultural. A literatura, particularmente, configurou-se ao longo da história ocidental como campo simbólico assombrado pela presença do corpo, tanto em termos de reiteração (*mimesis*) quanto em termos de subversão (rupturas de viés performativo). Sintomática, nesse sentido, é a lição dada por Herbert Daniel acerca do caráter processual que permeia todos os diálogos entre corpo e subjetividade quando discute seu processo de subjetivação, como guerrilheiro e como homossexual, apresentando a sua tese sobre as suas sucessivas virgindades perdidas:

Contatos perigosos. Para tudo deveria haver um limite: não beijar na boca, não tocar no pau alheio, não se deixar tocar na bunda, não... E foi assim que fui escorregando, perdendo virgindades sucessivamente. Muitas relações pareceram para mim ser uma primeira continuidade. Então, nunca houve uma primeira vez. Houve algumas importantes. Marcas e escarificações num aprendizado (DANIEL, 1984b, p. 156-157).

Mais do que sítio de resistência e repositório/depositário das memórias individuais e coletivas, passível de transmissão através das gerações, não se sustenta a concepção de uma corporeidade abstrata. O corpo “es por excelencia el lugar de la intersección de las dominaciones de clase, de género y de ‘raza’; en él se fomentan igualmente diversas tácticas de resistencia” (HABER, 2007, p. 5). Ou, melhor dizendo, para encerrar

com palavras do guerrilheiro quatro vezes exilado, “cada corpo é o encontro de uma multiplicidade de romances” (DANIEL, 1984, p. 9). Para Herbert Daniel, o corpo é a materialidade do sujeito político, superfície na qual se inscrevem as experiências, as dores (para si) e as mentiras (para os outros). O corpo é também entendido como espaço, receptáculo do passar do tempo, encruzilhada das contradições que não necessariamente levam a alguma síntese provisória. Como diria Judith Butler (1993, 1999, 2004), trata-se de um corpo que pesa [*matters*], isto é, que tem peso, que importa, que tem importância. É a superfície do corpo que é ferida pelas punições da indisciplina infantil. É a superfície do corpo que as patrulhas moralistas administram e punem sob a acusação de *vadiagem*⁹. Finalmente, mas não menos importante, cabe (re)lembrar que foi com a sistemática tortura do corpo que a “Revolução de 1964” produziu sistematicamente suas “verdades”: confissões, delações, declarações.

*O corpo-
guerrilheiro
no corpo-
nação*

225

REFERÊNCIAS

AREDA, Felipe. A narrativa desarmada de Herbert Daniel. **Caderno Seminal Digital** (Rio de Janeiro, UERJ), ano 20, n. 21, v. 21, jan./jun. 2014. p. 141-167. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/14499/10973>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

BORDO, Susan R. **The flight to objectivity**. Albany: State University of New York Press, 1987.

BOURDIEU, P. **Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire**. Paris: Seuil, 1992.

BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory**. New York: Columbia University Press, 1994.

9 James Green escreve sobre como a acusação de vadiagem foi utilizada como expediente para as ‘operações de limpeza’ e de ‘higienização urbana’ pela polícia entre 1960 e 1980 para perseguir os homossexuais brasileiros em várias ocasiões. Conferir, especialmente, os livros *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (2000) e *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (2014, volume coletivo, organizado por James Green e por Renan Quinalha).

BRAUNSTEIN, Florence e PÉPIN, Jean-François. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Trad. de João Duarte Silva. Lisboa: Costa & Duarte Artes Gráficas Ltda., 2001.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. London: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**. 10th Anniversary Edition. London: Routledge, 1999.

Anselmo
Peres Alós

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. London: Routledge, 2004.

CONNELL, R. W. Theorizing Gender. **Sociology**, n. 19, v. 2, 1985, p. 260-272.

CONNELL, R. W. **Gender and power**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995a.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995b, p. 185-206.

CONNELL, R. W. La organización social de la masculinidad. VALDÉS, Teresa y OLIVARRÍA, José (compiladores). **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 31-48.

CONNELL, R. W. **The men and the boys**. Berkeley: University of California Press, 2000.

CONNELL, R. W. and MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, 2005, p. 829-859.

COSTA JR., José Veranildo Lopes e SILVA, Roniê Rodrigues da. Meu corpo daria um romance rizomático. **Raído**, v. 12, p. 58-68, 2018. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/8331>>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Trad. Homero Santiago e Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DANIEL, Herbert. **Passagem para o próximo sonho**: um possível romance autocrítico. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

*O corpo-
guerrilheiro
no corpo-
nação*

DANIEL, Herbert. A síndrome do preconceito. In: DANIEL, Herbert e MICCOLIS, Leila. **Jacarés & lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé/Socci, 1983a. p. 121-133.

227

DANIEL, Herbert. O gueto desmistificado: preconceito e machismo entre os homossexuais. **IstoÉ**, São Paulo, p. 82-84, 27 de julho de 1983b (entrevista).

DANIEL, Herbert. **A fêmea sintética**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983c.

DANIEL, Herbert. **Meu corpo daria um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984a.

DANIEL, Herbert. **As três moças do sabonete**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984b.

DANIEL, Herbert. A síndrome dos nossos dias. **Desvios**, n. 5, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986a. p. 108-115.

DANIEL, Herbert. Duplo clandestino: homem de ação – mas tinha um segredo. **Afinal**, São Paulo, s.n., p. 20-21, 22 de julho de 1986b (entrevista concedida a Ali Kamel, Celso Fonseca e Valdir Sanches).

DANIEL, Herbert. **Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

DANIEL, Herbert. O primeiro AZT a gente nunca esquece. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1990, p. 8-10.

DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte / Life before death**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABIA, 1994.

DANIEL, Herbert e PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: dois olhares se cruzam numa noite suja**. São Paulo: Iglu, 1991.

DIAS, Cláudio José Piotrovski. **A trajetória soropositiva de Herbert Daniel (1989-1992)**. Rio de Janeiro, 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2012.

DRAKE, R. **The gay canon: great books every gay man should read**. New York: Anchor Books, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Edunesp, 2000.

GREEN, James N. e QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

GROSZ, Elizabeth. **Volatile bodies: toward a corporeal feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

HABER, Stéphane *et al.* **Cuerpos dominados, cuerpos en ruptura**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura**. Trad. de Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection**. Transl. S. L. Roudiez. New York: Columbia UP, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MÍCCOLIS, Leila. O guerreiro da solidariedade. Publicado em quatro de agosto de 1999. Disponível em: <http://www.patio.com.br/cronica/1999/agosto/guerreiro_da_solidariedade.htm>. Acesso em: 1º de maio de 2016.

MIGNOLO, Walter. **Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges and border thinking**. 2nd Edition. Princeton: Princeton University Press, 2012.

MIGNOLO, Walter. **The idea of Latin America**. London: Blackwell, 2005.

ORSI, Ricardo. **Herbert Daniel: a solidariedade e seus exílios**. [Webpage destinada a preservar a memória de Herbert Daniel]. Disponível em: <<http://reocities.com/Athens/acropolis/7051/exilios.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

PEREIRA, Rômulo Medeiros. Herbert Daniel e suas autobiografias: maneiras de cuidar si e não de se conhecer. In: RANGEL, M. de M.; PEREIRA, M. H. F.; ARAÚJO, V. L. de (Orgs.). **Caderno de Resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia**. Ouro Preto: EdUFOP, 2012. Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2012/paper/view/1266/646>>. Acesso em: 23 de abril de 2016.

WOODS, Gregory. **A history of gay literature: the male tradition**. London: Yale University Press, 1998.

*O corpo-
guerrilheiro
no corpo-
nação*

229

